

Angola e Brasil: vínculos lingüísticos afro-lusitanos

JOHN LIPSKI

Universidade Estadual de Pennsylvania (Estados Unidos)

Introdução

Os traços africanos no português vernacular do Brasil são incontestáveis, sobretudo na dimensão lexical e talvez ao nível da fonética segmental. As bases sintáticas do português brasileiro são mais discutíveis, pois é impossível eliminar a hipótese nula: nenhuma influência além dos dialetos de Portugal (GUY 2004, HOLM 1987, LIPSKI 2000, 2005a). A hipótese africanista do português vernacular brasileiro torna-se mais plausível quando consideramos as variedades populares do português angolano, sobretudo a linguagem dos *musseques* – bairros populares da capital, Luanda (PERL 1989). Os dialetos angolanos são de uma importância extraordinária pois se formaram em contato com as línguas africanas mais implicadas na formação do português brasileiro (e também de muitas variedades afro-hispânicas): o kikongo e o kimbundu.¹ Algumas das

¹ Alguns dos estudos fundamentais sobre o português angolano são: BERNARDES, 1970, ENDRUSCHAT, 1990, ESTERMANN, 1963, GÄRTNER, 1983, INVERNO, 2008, LIPSKI, 1995, MARQUES, 1983.

características do português angolano parecem refletir a influência do kikongo, língua que não se emprega hoje na costa angolana mas que era a língua franca da antiga colônia portuguesa do Congo. A presença de elementos kikongos no português vernacular de Luanda sugere que a linguagem dos musseques teve a sua origem ao norte da área em que se fala na atualidade. Nas seguintes seções apresentam-se os principais pontos de convergência entre as variedades vernaculares angolanas e brasileiras, com a finalidade de encorajar o debate sobre os contatos lingüísticos luso-africanos.

Os sintagmas nominais plurais “nus”

Um dos traços lingüísticos mais identificados como resultado do contato com línguas africanas diz respeito aos plurais “nus”, isto é, os sintagmas nominais plurais com uma só marca do plural /s/, no primeiro elemento (quase sempre o determinante): *as pessoa, os livro*, etc.² Esta combinação é freqüente (com muitos matizes quantitativos) no português vernacular brasileiro mas não ocorre em Portugal, exceto em casos esporádicos e assistemáticos. Entre os dialetos do espanhol os plurais “nus” só ocorrem nas variedades vernaculares fortemente marcadas pela presença de línguas africanas nos tempos coloniais, e sempre associadas a outras configurações morfosintáticas características do processo de criouliização. A mesma configuração ocorre por exemplo no dialeto afro-hispânico do Chota, no interior do Equador (LIPSKI 1986, 1987):

cogíamos *muestras pala* ...
 hahta los *los mimo patrón* eran malos
 así eh *las cosa*

Também aparece às vezes no dialeto afro-hispânico do Chocó, Colômbia (CAICEDO 1977, 1992a, 1992b; SCHWEGLER 1991):

por el blanco *las ofensa* ...
 en cuanto pongo *los ojo* ...

² AZEVEDO, 1984, GUY, 1981, 2004, SCHERRE, 1998a, 1998b, 1998c, 1998d, 2001.

Os plurais “nus” ocorrem no dialeto semieriuolo dos negros bolivianos (LIPSKI 2005b, 2006a, 2006c, 2006c, 2007), embora na variedade basilectal os sintagmas nominais sejam invariáveis.

siempre contaba *algunos cosa*
 había que llevá *personas responsable*
algumuh mujé [algumas mujeres] siempre sacaban *sus coplia* [sic]

Eis uns exemplos de plurais “nus” nos textos literários que pretendem representar a linguagem dos musseques angolanos:

Porque ele disse trazer *os home* lá quando venha na sanzala.
 Como é vocês quer bater *nos home*? (Xitu 1979)
 Não sabi *os ano* ... *Os minino* que só cagar, cagar todo o dia! ... e dinheiro pr'aviar *esses milongo*? ... {Maria Eugénia Lima, “Madalena” (Ferreira 1976)}
 Falta *os home* ... Todos vai *pràs mina* ... Muitos morre *nas mina* ... Feticreiro *dos guerra* ... *os home* tá servage ... é *os selvage*, é porco ... Nem fez *dois mês* ... Pode levá eles *nas mina* ... (Soromenho (1979)
Os tropa vai no mato e negro fica sòzinho (Soares 1976)
 Não, a “partida” faz quando eles todos encher já *as sangá* (Xitu 1979)
Os minino já tá no vapor ... Dominga rumou *cos coisa desses minino* ... *Cos home* que tá raia *nesses negro* que ruma *os saco* ... Dominga, me deixa levá *os minino* no Puto ... só Dominga que les percebe e panha *esses voz* nos confusão ... É *os minino* vai mbora ... {Cochat Osório, “Aiué” (Andrade 1976)}
 Como a gente, a Quianda também tem *as terra* dela, também tem *os lugar* onde ela manda ... (Ribas 1973)

Inverno (2008) oferece exemplos dos plurais “nus” no português vernacular angolano fora da capital:

êle marca *muitos golo*
 vigia *as criança*
os meus passatempo
 quando acabar *as fêria*

Os plurais “nus” não representam o resultado do contato direto com línguas africanas, pois esta configuração não existe na Á-

frica negra. Na realidade nenhuma língua africana marca o plural dos sintagmas nominais por meio de um sufixo. As línguas da família banto assemelham-se ao português no sentido de assinalar o plural em cada elemento do sintagma nominal—mas na forma de prefixos que variam segundo a categoria ou classe nominal. Marques (1983) sugere que os angolanos interpretam os sintagmas nominais portugueses como invariáveis, uma vez que nenhum prefixo ocorre no início das palavras. Inverno (2008) rejeita esta hipótese: “a explicação para a marcação de número nos elementos não nucleares do SN mas não no seu núcleo em [português vernacular angolano] parece estar relacionada com o número de elementos no SN. Esta hipótese parece ser reforçada pelo facto de o *-s* desaparecer em núcleos nos quais não desempenha a função de marcador de plural”. Inverno aceita a influência das línguas da família banto, mas de maneira mais geral: “defendemos que a ausência de marcação de número no núcleo do SN poderá ser interpretada como resultado de uma tendência já existente nas línguas banto durante o processo de aquisição do português que terá reforçado a regra de apagamento do marcador de plural nos empréstimos do português a essas mesmas línguas”. Finalmente, tal como sugerido por Marques (1983), julgamos que o fato da marcação de número nas línguas banto ocorrer à esquerda do radical nominal (através dos prefixos) é um fator a considerar na explicação das estratégias de marcação de número no PVA. Efetivamente, os elementos mais à esquerda no SN tendem a atrair a marcação de número, independentemente de se tratar do primeiro elemento num nome composto [...] ou o núcleo do SN.

Seja qual for a explicação para os plurais “nus” no português vernacular angolano, é preciso explicar a presença dos plurais “nus” em outras variedades afro-hispânicas nas quais a influência das línguas bantos não foram os contatos lingüísticos mais importantes ou pelo menos que compartilhavam o espaço de contato com as línguas da África ocidental. Em geral, nas línguas africanas, para além das línguas da família banto, não existe nenhum tipo de concordância de número nos sintagmas nominais. Nos casos mais comuns, não há nenhuma marca do plural, a menos que seja necessário para evitar a ambigüidade; neste caso é freqüente colocar uma palavra pluralizadora, que pode ser o pronome da terceira pessoa plural antes ou de-

pois do nome. A estratégia dos plurais “nus” em vários dialetos afro-portugueses e afro-hispânicos sem conexões genealógicas é uma consequência lógica dos contatos de línguas, mas também é provável que os *pidgins* de base portuguesa empregados na costa africana e entre os traficantes de escravos tenham sido um veículo para a transmissão dos plurais “nus” entre África e Brasil durante a época colonial.

O emprego da terceira pessoa singular como verbo invariável

A terceira pessoa do singular é a forma menos marcada dentro do paradigma verbal do português (e do espanhol) e por essa razão aparece como verbo invariável em quase todas as variedades lingüísticas afro-hispânicas e afro-portuguesas de tempos passados. No português vernacular brasileiro a terceira pessoa do singular substitui a primeira pessoa do plural e a terceira pessoa plural: *nós trabalha, eles trabalha*, etc. (AMARAL 1955, AZEVEDO 1984, BORTONI-RICARDO 1985, COUTO 1998, NARO 1998, RODRIGUES 1984). A única forma que resiste a esta troca é a primeira pessoa do singular, não ocorrendo *eu trabalha, eu tem, eu vai*, etc. Estas combinações existiam no Brasil em tempos passados, sobretudo na linguagem dos *bozais* (escravos nascidos em África), e persiste ainda hoje em dia nas canções do Jongo (Grupo Cultural Jongo da Serrinha 2002), e também no semicrioulo falado em Helvécia (BAXTER 1993, BAXTER e LUCCHESI 1997, BAXTER, LUCCHESI e GUIMARÃES 1997, LUCCHESI 1998). A terceira pessoa do singular funcionava como verbo invariável no espanhol *bozal* e ocorre até hoje no dialeto afro-hispânico de Bolívia, a língua nativa do grupo de negros descendentes de escravos africanos (LIPSKI 2005b, 2006a, 2006c, 2006c, 2007):

Nojotro *tiene* [tenemos] jrutita.
 Yo no *entiende* [entiendo] eso de vender jruta.
 Yo *creció* [crecí] junto con Angelino.
 Nojotro *creció* [crecimos] loh do.
 Nojotro *trabajaba* [trabajábamos] hacienda.

Também ocorre às vezes o emprego da terceira pessoa do singular como verbo invariável no espanhol da Guiné Equatorial, único país africano de expressão espanhola, e de perfil sociolinguístico semelhante ao de Angola (LIPSKI 1985; QUILIS e CASADO FRESNILLO 1995, BIBANG-OYEE 2002). Uns exemplos são:

Desde los cinco años [yo] *lleva* [llevo] en España
yo soy de Bata y *vive* [vivo] ahí.
yo *salió* [salí] en continente
yo no *sabe* [sé]

Em Angola, é muito freqüente o emprego da terceira pessoa do singular como verbo invariável, incluso na primeira pessoa do singular:

Os home já *amarrou*. (Xitu 1979)
Hoje os tempo *tá* mudado. {Viriato da Cruz, “Makèzu” (Ferreira 1976)}
[eu] *sabe* não. (Soromenho 1979)
Sim, eu *namorô*, mas já *dexô* muito tempo. (Ribas 1969)
Os tropa *vai* no mato e negro *fica* sòzinho. (Soares 1976)
Eu *vai* no futebol! (123) {Rebello de Andrade, “Encosta a cabecinha e chora” (Andrade 1976)}
Não, eu *é* homem já. Soba. {Eduardo Teófilo, “O contrato” (Andrade 1976)}
Essa era minina, quando eu a *conheceu* e seus parentes obrigaram. (Ryder 1979)

Não é possível postular uma conexão direta entre Angola e Brasil no que diz respeito à terceira pessoa singular como verbo invariável já que se trata de um processo natural que surge espontaneamente durante a aquisição do português como segunda língua. Contudo, é significativo que o português vernacular brasileiro ainda mantenha a forma invariável no plural da primeira e a terceira pessoa. O processo de descrioulização favorece a primeira pessoa do singular na fase inicial, de acordo com as teorias sintáticas que dão prioridade àquela forma verbal (SILVERSTEIN 1985; SIMÕES 1976 e SIMÕES; STOEL-GAMMON 1979 para a linguagem infantil).

A negação dupla

Outra característica do português vernacular brasileiro que não ocorre nas variedades europeias é a negação dupla do tipo *não sei não* e ainda a negação posposta *sei não*. Entre os dialetos hispano-americanos a negação dupla só ocorre em algumas variedades de forte influência africana: na República Dominicana e na região de Chocó, Colômbia (SCHWEGLER 1996). No século XIX também ocorria no dialeto afro-cubano falado pelos *bozais* (negros nascidos em África). Hoje em dia a negação dupla é freqüente no português vernacular angolano:

Não se vê, não! {Marcelo Veiga, “O batuque” (Ferreira 1976)}
Tem home *não* volta mais *não* ... Branca tem olho azul *não* fica tempo sem home *não* ... Loja da Companhia *não* é brincadeira *não* ... Mentira *não* tem cubata na minha boca *não*. (Soromenho 1979)
Num pode, *não* ... *Num* é mais negra de sanzala, *não* ... *Num* tá piraça, *não!* {Cochat Osório, “Aiué” (Andrade 1976)}
Não deve tanto, *não* ... *Não* agradece, *não*, porque cubata é casa que preto gosta ... Minha terra é pobe, *não* é Luanda, *não* ... (Ryder 1979)
Não é como os outros, *não* (Vieira 1980)

Muralha (1925, p. 38) dá uns exemplos da negação dupla quando um falante nativo do português fala com um africano de São Tomé, cujo perfil sociolinguístico é muito semelhante ao de Angola e onde a língua crioula também tem negação dupla: “*Não* te castiga, *não*.” Outros exemplos literários do português de São Tomé são:

Fernando Reis, MAIÁ (CÉSAR 1969a, p. 305-27)
Mar p’ra ele *não* costa, *não*
Não sabe que é medo, *não!*
Quando febre passa, já *não* lembra, *não!*
Luís Cajão, O OUTRO MENINO JESÚS (CÉSAR 1969a, p. 334-6)
Não há novidade, *não*.

Também ocorre às vezes no português angolano a negação dupla formada por *não* ... *nada*, onde *nada* não é um argumento do verbo

(sujeito, complemento), uma combinação freqüente em alguns dialetos afro-hispânicos:³

- No duró no. No duró *nada* (SCHWEGGLER 1991, p. 111) {Chocó, Colombia}
 No es difícil *ná* {Puerto Rico}
 Dicen que Solito es malo: Solito no es malo *ná* (CAAMAÑO DE FERNÁNDEZ 1976, p. 29) {República Dominicana}
 Timoteo dizque era muerto; Timoteo no es muerto *na'* (PRESTOL CASTILLO 1986, p. 47) {República Dominicana}
 ... era un hecho inaudito y el sujeto aquel no debía ser tan bueno *nada* (HERRERA 1964, p. 45) {Cuba}
 Un poco de polvo ... no me baño *nada* (SOLER PUIG 1975, p. 77) {Cuba}
 Espérese. No espero *nada*, este tipo es peligroso. (DÍAZ 1966, p. 25) {Cuba}
 Dicen que mi Changó es mono Ma Changó *no* es mono *ná* (SOJO 1986, p. 106) {Venezuela}

Em Angola uns exemplos de (*não*) ... *nada* são:

- tens dinheiro? *não* tem *nada* (SCHUCHARDT 1888, p. 252 [1979, p. 70-1])
 É verdade que eu robei! Mas carta viu *nada* (ARCHER, Maria, "A carta" César 1969b, p. 704)

A mesma combinação pode ocorrer no português de São Tomé:

- Não morre *nada* (CAJÃO, Luís, "O outro menino Jesús" César 1969a, p. 334-6)

A fonte mais provável da dupla negação nos dialetos afro-portugueses são as línguas da família banto, especialmente o kikongo. O kikongo, tal como línguas menores da mesma família, emprega uma negação dupla semelhante às construções *ne ... pas* do francês. O kikongo geralmente emprega as partículas *ke ... ko* (BENTLEY 1887, p. 607):

³ A negação dupla sempre tem sido usada em português como variante enfática ocasional, mas só nos dialetos do eixo Angola-São Tomé-Brasil ocorre sem matizes enfáticos (embora existam outras condições pragmáticas: SCHWEGGLER 1996), aparecendo também nos crioulos portugueses do Golfo de Guiné (de Anobom e São Tomé; só o crioulo de Príncipe tem a negação posposta, mas é provável uma etapa anterior de negação dupla).

| | | | |
|-----|-----|---------|--------------------------|
| ke | be- | sumba | ko |
| NEG | CL. | comprar | NEG = 'êles não compram' |

O segundo elemento ocorre no final da frase, podendo-se interpor complementos e adjuntos:

- ke be kuenda malembe *ko*
 'Êles não caminham devagar' (A.M.D.G. 1895, p. 24)
 ke tukwendanga lumbu yawaonso *ko*
 'Nós não vamos cada dia' (BENTLEY 1887, p. 607)
 kisumbanga kwame maki *ko*
 'Eu [mesmo] não estou a comprar ovos' (BENTLEY 1887, p. 608)

A posição da partícula *ko* ao final da frase corresponde ao segundo elemento negativo da negação dupla nos dialetos afro-hispânicos e afro-portugueses. A partícula *ko* é facultativa em kikongo; a sua ausência acrescenta um matiz de surpresa (A.M.D.G. 1895, p. 23), e representa outro traço de convergência com a sintaxe do português.

Existem outros padrões de negação nas línguas bantos na área do Congo e Angola, com possíveis implicações para a formação do português africano. Uma configuração apresenta a partícula posposta *ko* junto a uma partícula negativa pré-verbal (por exemplo, *si*) entre o clítico do sujeito e o verbo (USSEL 1888, p. 48s). O caso mais interessante é o kimbundu, a língua principal da capital angolana Luanda e das imediações. No kimbundu do sertão, a negação consiste na prefixação da partícula *ki-* ao verbo afirmativo (existindo também as variantes *ka-* e *ku-*). No dialeto da capital pode existir a negação dupla: o prefixo *ki-* é facultativo e depois do verbo coloca-se o pronome disjuntivo das construções de posse: esta estratégia fornece outro modelo para a negação nos dialetos portugueses formados em contato com as línguas da família banto (CHATELAIN 1888-9, p. 51s; JOHNSON 1930, p. 36).

As perguntas *in situ*

O português vernacular do Brasil e de Angola permite as perguntas *in situ*, isto é, permite que, em frases interrogativas, a pa-

lavra interrogativa fique no seu lugar de origem sintática: *Você mora onde? Diz o quê?* As perguntas *in situ* não ocorrem normalmente no português europeu, mas são muito freqüentes no português vernacular angolano, embora não seja a configuração mais freqüente nas línguas africanas na região. É muito mais provável que a ocorrência de perguntas sem movimento seja um remanescente do português pidginizado empregado ao longo da costa africana em séculos passados, representando uma sintaxe simplificada, sem regras de movimento das palavras interrogativas para a posição inicial de frase. Exemplos das perguntas *in situ* no português angolano:

- Está a chatiar mais velho *porquê?* (XITU 1977)
 Escola siô Bío duro *quê?* (SOROMENHO 1979)
 Tem ainda muito tempo que vais vivê, julgas *quê?* ... Patrício era *quê?* ... Socialismo é *quê* então? (CARDOSO 1977)
 Comi o *quê* então? ... Vavó, vamos comer é o *quê?* ... Está *onde*, então? ... Tem é o *quê?* (VIEIRA 1982)

Os artigos definidos nulos

O português padrão requer o artigo definido para os sintagmas nominais definidos, e também para os sintagmas nominais genéricos em posição de sujeito. No português vernacular brasileiro e também em Angola são freqüentes os artigos nulos nos sintagmas nominais definidos e genéricos. Exemplos angolanos:

- Está a chatiar [O] mais velho porquê? Pessoa pergunta-pergunta mais e não engula "cuspe", *tinkom* [saíam] daqui! ... Kuzela, dá [O] castanha que escondeu aí nas pernas! ... (XITU 1977)
 Qui vai fazê [O] doutori branco ... Qui vai fazê [O] sinhôra? ... {Maria Eugénia Lima "Madalena" (FERREIRA 1976, p. 330-1)}
 [O] Palmatória do branco das mina partiu cara ele ... [O] Pai sabe, [O] mulher não anda, fica só na cadeira ... [O] Pai espera só cinza fecha buraco ... Qu' é que [O] branco fala olhando tua cara? ... (SOROMENHO 1979)
 [O] Patrão sempre não tem inteligência, tem mando só, rapaz! ... [O] Barriga cresce, você és corrida, vais ver só! ... [O] Filho é nosso ... (VIEIRA 1974)

- [O] coração fica triste cando tem carta e num pôdi rer! ... (RIBAS 1969)
 [O] Minino precisa ter mãe portante; [O] minino precisa é ter orgúio ... {Cochat Osório, "Aiué" (ANDRADE 1976)}
 Não agradece, não, porque [O] cubata é casa que [O] preto gosta (RYDER 1979)
 Quanto custa [O] bilhete? ... (RIBAS 1973)

Os artigos definidos nulos também são freqüentes no dialeto tradicional afro-boliviano, falado na região de Yungas (LIPSKI 2005b, 2006a, 2006c, 2006e, 2007), ocorrendo nas mesmas posições que no dialeto vernacular angolano. Uns exemplos afro-bolivianos são:

- Va acabá [O] mundo.
 [O] mayordomo pegaba [O] gente, [O] patrón atrás de [O] mayordomo.
 [O] nube ta bien rojo.
 [O] negro muy poco fue [a la guerra].
 [O] perro ta flojo.

A eliminação dos artigos definidos nos dialetos afro-portugueses e afro-hispânicos é uma consequência do contato com as línguas africanas em condições desfavoráveis, visto que nenhuma língua africana tem artigos definidos. Em Angola, os artigos nulos têm sobrevivido no português vernacular em parte pela ausência de artigos nas línguas nacionais, mas também, talvez, porque estes são redundantes nas combinações genéricas e definidas. Pela mesma razão, os artigos nulos prosperam no português vernacular brasileiro e no dialeto afro-boliviano: representam a simplificação das conexões entre a sintaxe e a semântica.

As vogais paragógicas

As vogais epentéticas e paragógicas ocorrem com freqüência nos dialetos afro-portugueses (e, em séculos passados, também na linguagem afro-hispânica), e representam a falta de consoantes finais de sílaba/palavra na maioria das línguas africanas, sobretudo da família banto (LIPSKI 2002). Naturalmente as pessoas com maior competência em português não introduzem tantas vogais paragógicas, mas persistem algumas ainda no português vernacular falado

como língua nativa no Brasil (RAIMUNDO 1933, p. 69-71; RAMOS 1935, p. 248). No caso do português angolano, falado quase sempre como segunda língua, as vogais paragógicas são mais frequentes ao nível vernacular. Eis uns exemplos literários do fenômeno:

E porque não faz Muene Puto o mesmo que estão fazendo os *Inguerezes*? (CARVALHO 1890, p. 569):

'ingrezo, francezo, e língua de branco' (SARMENTO 1880, p. 143).

mas, síou, *púlequé* Maniputo da licença tanto *baranco* do mato venha no costa? (MATTOS E SILVA 1904, p. 225).

dôtoro < doutor (KOPKE 1928, p. 161).

Prronto, *patalão* ... si siô ... si siô *patalão* (PEREIRA 1947, p. 240-1).

O sinhô *dôtori* veio do Lisboa, não é? ... Vou *guardari*, sinhô *dôtori*: é pra ir no Lisboa, pra bilhete di lotaria. (CÉSAR 1962).

Rico, sim *sinhori* ... *Manueli* não é um danado ganguela ... (AZEREDO 1956, p. 92, 100, 116, 141).

Observamos que as vogais paragógicas e epentéticas do português popular angolano aparecem exatamente nas mesmas posições que nos textos literários afro-portugueses dos séculos XVI-XIX, o que apoia a hipótese da contribuição africana à fonologia popular brasileira e angolana.

Sumário e conclusões

Existem paralelismos sistemáticos entre o português vernacular brasileiro e o português popular de Angola: cada uma das características compartilhadas parece ter a sua origem quer na gramática universal quer no contato entre o português e as línguas africanas (sobretudo da família banto), seja na América ou no próprio continente africano. É por isso que o estudo das variedades portuguesas de África serve para esclarecer as origens do português brasileiro e demonstrar a interação do contato de línguas, da transmissão direta de traços lingüísticos entre África e Brasil, e da criação de configurações novas devido a fatores universais decorrentes da aquisição de uma segunda língua.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Anhembi, 1955.
- A.M.D.G.. *Elements de la langue congolaise*. Bruxelas: Deselée, de Brouwer et C^o, 1895.
- ANDRADE, G. de. *Contos d'África, antologia de contos angolanos*. Sá da Bandeira: Publicações Imbondeiro, 1961.
- AZEREDO, Guilhermina de. *Branços e negros*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1956.
- AZEVEDO, Milton. Loss of agreement in Caipira Portuguese. *Hispania*, n. 67, 403-8, 1984.
- BAXTER, Alan. Creole-like features in the verb system of an Afro-Brazilian variety of Portuguese. In: *The structure and status of pidgins and creoles*. Amsterdam e Filadélfia: John Benjamins, 1997.
- BAXTER, Alan; LUCCHESI, Dante. Processos de descrioulização no sistema verbal de um dialeto rural brasileiro. *Papia*, n. 2, p. 59-71, 1993.
- BAXTER, Alan; LUCCHESI, Dante; GUIMARÃES, Maximiliano. Gender agreement as a "decreolizing" feature of an Afro-Brazilian dialect. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, n. 12, p. 1-57, 1997.
- BENTLEY, W. Holman. *Dictionary and grammar of the Kongo language*. Londres: Tröbner & Co, 1887.
- BERNARDES, Octávio N. Canhão. A língua portuguesa e Angola. *A Bem da Língua Portuguesa*, n. 21, p. 93-104, 1970.
- BIBANG OYÉÉ, Julián-B. *El español guineano: interferencias, guineanismo*. Inédito.
- BORTONI-RICARDO, Stella. *The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- CAAMAÑO DE FERNÁNDEZ, Vicenta. *El negro en la poesía dominicana*. San Juan: Centro de Estudios Avanzados de Puerto Rico y el Caribe, 1989.
- CAICEDO, Miguel. *Chocó mágico folklórico*. Quibdó: Gráficas Universitarias del Chocó, 1977.
- _____. *Poesía popular chococana*. Bogotá: Departamento de Publicaciones de Colecultura, 1992a.
- _____. *El castellano en el Chocó (500 años)*. Medellín: Editorial Lealón, 1992b.
- CARDOSO, Boaventura. *Dizanga dia muenhu*. São Paulo: Edições 70, 1977.
- CARVALHO, Henrique Augusto Dias de. *Descrição da viagem à Mussumba do Muati-ânva*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1890-1894. 4 v.
- CÉSAR, Amândio. *Angola 1961*. Lisboa: Verbo, 1962.
- _____. *Contos portugueses do ultramar*. Porto: Portucalense, 1969a, v.1.
- _____. *Contos portugueses do ultramar*. Porto: Portucalense, 1969b, v. 2.
- CHATELAIN, Héli. *Grammática elementar do Kimbundu a língua de Angola*. Genebra: Typ. de Charles Schuchardt, 1888-9.
- COUTO, Hildo Honório do. Falar capelinhense: um dialeto conservador do interior de Minas Gerais. In: GROBE, Sybille; ZIMMERMANN, Klaus (ed.). "Substandard" e mudança no português do Brasil. Frankfurt am Main: IFM, s.d. p. 371-91.
- DÍAZ, Jesús. *Los años duros*. Havana: Casa de la Américas, 1966. In: ENDRUSCHAT, Annette. *Studien zur portugiesischen Sprache in Angola*. Frankfurt am Main: Verlag Teo Ferrer de Mesquita, 1990.
- ESTERMANN, Carlos. Aculturação linguística no sul de Angola. *Portugal em África*, n. 20, p. 8-14, 1963.
- FERREIRA, Carlota da Silveira. Remanescentes de um falar crioulo brasileiro. *Revista Lusitana* (nova série). Lisboa: n. 5, p. 21-34, 1985.
- FERREIRA, Manuel (ed.). *No reino de Caliban: antologia panorâmica de poesia africana de expressão portuguesa*. Lisboa: Seara Nova, 1976.

- GÄRTNER, Eberhard. Syntaktische Besonderheiten des Portugiesischen in Angola. *Wissenschaftliche Zeitschrift der Humboldt-Universität zu Berlin*, v. 3, n. 32, p. 295-8, 1983.
- GRUPO CULTURAL Jongo da Serrinha. *Jongo da Serrinha*. Livro e CD. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio e Programa de Bolsas da RioArte, 2002.
- GUY, Gregory. Parallel variability in American dialects of Spanish and Portuguese. In: SANKOFF, David; CEDERGREEN, Henrietta (ed.). *Variation Omnibus (NWEAF 8)*. Edmonton/Carbondale: Linguistic Research, s.d.
- _____. Muitas línguas: the linguistic impact of Africans in colonial Brazil. In: CURTO, José C.; LOVEJOY, Paul E. (ed.). *Enslaving connections: changing cultures of Africa and Brazil during the Era of Slavery*. Amherst, New York: Humanity Books, 2004. p. 125-37.
- HERRERA, Mariano. *Despues de la zeta*. Havana: Ediciones R., 1964.
- HOLM, John. Creole influence on popular Brazilian Portuguese. *Pidgin and creole languages: essays in memory of John E. Reinecke*. University of Hawaii Press, Honolulu, p. 406-29, 1987.
- INVERNO, Liliana. *A transição de Angola para o português vernáculo: estudo morfosintático do sintagma nominal*. Frankfurt: Vervuert, 2008.
- JOHNSON, Amandus. *Mbundu English-Portuguese dictionary with grammar and syntax*. Filadélfia: International Printing Company, 1930.
- KOPKE, Manuel. *Cartas de Africa, 1895-1915*. Porto: Imprensa Moderna, 1928.
- LIPSKI, John. *The Spanish of Equatorial Guinea*. Tübingen: Max Niemeyer, 1985.
- _____. Lingüística afroecuatorial: el valle del Chota. *Anuario de Lingüística Hispánica*, Valladolid, n. 2, p. 153-76, 1986.
- _____. The Chota Valley: Afro-Hispanic language in highland Ecuador. *Latin American Research Review*, n. 22, p. 155-70, 1987.
- _____. Portuguese language in Angola: luso-creoles' missing link? San Diego (California), ago. 1995. Reunião anual da American Association of Teachers of Spanish and Portuguese (AATSP). Trabalho apresentado.
- _____. Bozal Spanish: restructuring or creolization? In: NEUMANN-HOLZSCHUH, Ingrid; SCHNEIDER, Edgar W. (ed.). *Degrees of restructuring in creole languages*. Amsterdam Philadelphia: Benjamins, 2000. p. 55-83.
- _____. Epenthesis vs. elision in Afro-Iberian language: a constraint-based approach to creole phonology. *Current issues in Romance languages*. Amsterdam, p. 173-188, 2002.
- _____. *A history of Afro-Hispanic language: five centuries and five continents*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005a.
- _____. Nuevas fronteras de dialectología afrohispanica: los Yungas de Bolivia. In: *Conferencias sobre la lengua y cultura del mundo de habla hispana*. Kyoto: University of Foreign Studies, 2005b. p. 53-72.
- _____. Afro-Bolivian language today: the oldest surviving Afro-Hispanic speech community. *Afro-Hispanic Review*, v. 1, n. 25, p. 179-200, 2006a.
- _____. Afro-Bolivian Spanish and Helvécia Portuguese: semi-creole parallels. *Papia*, n. 16, p. 96-116, 2006b.
- _____. El dialecto afroyungueño de Bolivia: en busca de las raíces el habla afrohispanica. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, v. 2, n. 3, p. 137-166, 2006c.
- _____. Afro-Yungueño speech: the long-lost "black Spanish". *Spanish in Context*, n. 4, p. 1-43, 2007.
- LUCCHESI, Dante. A constituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizador: tendências atuais de mudança nas normas culta e popular. In: GROBE, Sybille; ZIMERMANN, Klaus (ed.). *"Substandard" e mudança no português do Brasil*. Frankfurt am Main: TFM, 1988. p. 73-99.

- MARQUES, Irene Guerra. Algumas considerações sobre a problemática linguística em Angola. In: Congresso sobre a Situação Atual da Língua Portuguesa no Mundo. Lisboa: 1983. *Actas*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1983. p. 205-23. T. 1.
- MATTOS E SILVA, João de. *Contribuição para o estudo da região de Cabinda*. Lisboa: Typographia Universal, 1904.
- NARO, Anthony. O uso da concordância verbal no português *substandard* do Brasil: atualidade e origens. In: GROBE, Sybille; ZIMERMANN, Klaus (ed.). *"Substandard" e mudança no português do Brasil*. Frankfurt am Main: TFM, 1998. p. 139-51.
- PEREIRA, Joaquim António. *Angola, terra portuguesa: acções de guerra, vida no sertão*. Lisboa: Expansão Gráfica Livreira, 1947.
- PERL, Matthias. Algunos resultados de la comparación de fenómenos morfosintáticos del "habla bozal," de la "linguagem dos musseques," del "palenquero," y de lenguas criollas de base portuguesa. In: *Estudios sobre español de América y lingüística afroamericana*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1989. p. 368-80.
- PRESTOL, Freddy Castillo. *Pablo Mamá*. Santo Domingo: Taller, 1996.
- QUILIS, Antonio; CASADO-FRESNILLO, Celia. *La lengua española en Guinea Ecuatorial*. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 1995.
- RAIMUNDO, Jacques. *O elemento afro-negro na língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Renascença Editora, 1933.
- RAMOS, Arthur. *O folk-lore negro do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.
- RIBAS, Oscar. *Uanga feitiço*. 2 ed. Luanda: Tip. Angolana, 1969.
- _____. *Quilanduquilo, contos e instantâneos*. Luanda: Edição do Autor, 1973.
- ROCHA, Jofre. *Estórias do musseque*. São Paulo: Fdições 70, 1977.
- RODRIGUES, Ana Natal. *O dialeto caipira na região de Piracicaba*. São Paulo: Atica, 1974.
- RYDER, Mariza. *Bixala kambote* (contos angolanos). Lisboa: Impretpo-Parada dos Prazeres, 1979.
- SARMENTO, Alfredo de. *Os sertões d'África* (apontamentos de viagem). Lisboa: Editor Proprietario Francisco Arthus da Silva, 1880.
- SCHIERRE, Maria Marta Pereira. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. In: _____. (org.). *Padrões sociolingüísticos: análise de fenómenos variáveis no português falado na cidade de Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998a. p. 87-117.
- _____. Sobre a influência de variáveis sociais na concordância nominal. In: _____. (org.). *Padrões sociolingüísticos: análise de fenómenos variáveis no português falado na cidade de Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998b. p. 239-64.
- _____. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. Atti. Sezione 5: dialettologia, geolinguistica, sociolinguistica. Tübingen: Max Niemeyer, 1998c. p. 509-23.
- _____. Variação da concordância nominal no português do Brasil: influência das variáveis posição, classe gramatical e marcas precedentes. In: GROBE, Sybille; ZIMERMANN, Klaus (ed.). *"Substandard" e mudança no português do Brasil*. Frankfurt am Main: TFM, 1998d. p. 153-88.
- _____. Phrase-level parallelism effect on noun phrase number agreement. *Language Variation and Change*, n. 13, p. 91-107, 2001.
- SCHUCHARDE, Hugo. Beiträge zur Kenntnis des kreolischen Romanisch I: Allgemeineres über das Negerportugiesische. *Zeitschrift für romanische Philologie*, n. 12, p. 242-54, 1888.
- SCHWIGLER, Armin. Predicate negation in contemporary Brazilian Portuguese: a change in progress. *Orbis*, n. 34, p. 187-214, 1991.
- _____. El español del Chocó. *América Negra*, n. 2, p. 85-119, 1991.
- _____. La doble negación dominicana y la génesis del español caribeño. *Hispanic Linguistics*, n. 8, p. 247-315, 1996.

- SILVA-BRUMMEL, Maria Fernanda. As formas de tratamento no português angolano. In: *Umgangssprache in der Iberoromania, Festschrift für Heinz Kröll*. Tübingen: Gunter Narr, 1984. p. 271-86.
- SILVERSTEIN, M. Hierarchy of features and ergativity. In: *Features and projections*. Dordrecht: Foris, 1985. p. 163-232
- SIMÕES, Maria Cecília Perroni. Descrição do sistema verbal de uma criança brasileira com dois anos. In: *1 Encontro Nacional de Linguística, conferências*. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica de Rio de Janeiro, 1976. p. 45-55.
- SIMÕES, Maria Cecília Perroni; STOEL-GAMMON, Carol. The acquisition of inflections in Portuguese: a study of the development of person markers on verbs. *Journal of Child Language*, n. 6, p. 53-67, 1979.
- SOARES, Mário Varela. *A inutilidade da memória*. Lisboa: Lince, 1976.
- SOJO, Juan Pablo. *Estudios del folklore venezolano*. Los Teques: Biblioteca de Autores y Temas Mirandinos, Instituto Autónomo Biblioteca Nacional y de Servicios de Biblioteca, 1986.
- SOLER PUIG, José. *Bertillón 166*. Havana: Editorial de Arte y Literatura, 1975.
- SOROMENHO, Castro. *A chaga*, 2. ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1979.
- USSEL, Père. *Petite grammaire de la langue fiote, dialecte du Loango*. Loango: Imprimerie de la Mission, 1888.
- VIEIRA, José Luandino. *Velhas estórias*. Lisboa: Plátano, 1974.
- _____. *A vida verdadeira de Domingos Xavier*. São Paulo: Atica, 1980.
- _____. *Luanda*. São Paulo: Atica, 1982.
- _____. *Vidas novas*, 5. ed. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1985.
- XITU, Uanhenga (Agostinho Mendes de Carvalho). "Mestre Tamoda" e outros contos. São Paulo: Edições 70, 1977.
- _____. *Maka na sanzala (mafuta)*. São Paulo: Edições 70, 1979.